

Mundos do trabalho e história do futebol no Brasil: potenciais didáticos dos debates sobre tempos do lazer, culturas operárias e relações laborais

Working-Class History and Football History in Brazil: Didactic Potentials of Debates on Leisure Time, Working-Class Culture and Labour Relations

Raphael Rajão Ribeiro*

RESUMO

O presente artigo investiga as aproximações entre os mundos do trabalho e a historiografia do esporte no Brasil, por meio das expressões do futebol operário ou de fábrica, ou seja, dos estudos sobre clubes que se constituíram, em diferentes regiões do país, a partir dos pertencimentos dos trabalhadores a uma dada empresa ou a um segmento do universo produtivo. A partir de uma revisão da bibliografia, são exploradas as diferentes abordagens sobre os usos autônomos e tutelados do tempo do lazer; as expressões das culturas operárias, especialmente as masculinas; bem como as diferentes relações laborais do jogador-operário e do operário-jogador. Por meio de uma intervenção pedagógica, são discutidos os desafios da transposição didática dessas questões e quais as suas potencialidades para o desenvolvimento do ensino de História para turmas de Ensino Médio. Palavras-chave: Futebol operário; Mundos do trabalho; Ensino de História.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the approximations between working-class history and the historiography of sports in Brazil, through the expressions of workers football or factory football, in other words, by means of the studies about football clubs which formation, in different regions of the country, occurred from the involvement of the workers in some company or some sector of production. Starting with a bibliographic review, are treated different approaches on uses, autonomous or not, of leisure time; the expressions of working-class culture, specially the males; as well the multiples labour relations of the worker-player and the player-worker. Proposing a pedagogic intervention, the text discusses the challenges of the didactic transposition of those questions and the potentialities for the development of history teaching for classes of the high school.

Keywords: Workers Football; Working-Class History; History Teaching.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Jaguaribe, Ceará, Brasil. raprajao@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-7057-8367>>

O século XX é considerado um período chave para a compreensão da reconfiguração dos mundos do trabalho no Brasil, em especial, na sua primeira metade, momento no qual o país passou por um processo de transição para uma realidade industrial e urbana e de regulamentação das relações trabalhistas. Nessa perspectiva, o estudo desse período durante o Ensino Médio possibilita a reflexão dos estudantes sobre essa dimensão do universo social, com a compreensão de como direitos atualmente muito debatidos, alguns deles suprimidos ou colocados em risco, foram conquistados. Além disso, pode-se pensar na organização dos tempos do trabalho e do lazer. Em que medida ambos se influenciaram e como algumas convenções dos dias de hoje estão conectadas a condições criadas naquele contexto de reestruturação dos modos de vida.

Um dos desafios de lidar com essa questão em sala é construir a compreensão de que tais processos, longe de terem sido lineares e com efeitos similares para todos os grupos, foram parte da sobreposição de fenômenos. Dentre eles, identificam-se soluções negociadas e imposições autoritárias que levaram à estruturação de modos de vida e de um arcabouço legal que atingiu, inicialmente, uma parcela específica dos trabalhadores urbanos, como bem aponta Angela de Castro Gomes (2005). Nesse sentido, uma implicação da transposição didática desse debate, nos termos propostos por Ives Chevallard (2013), é produzir a compreensão das diversidades de questões e de realidades que atravessam esse processo.

Trata-se de uma questão central quando se fala em ensino de História, pois, afinal de contas, o que se objetiva alcançar com o tratamento desse tópico em sala de aula? Como indica Jörn Rüsen (2006), o uso do conhecimento histórico com fins educativos parte de expectativas daquilo que se deseja construir no processo de aprendizagem. Nesse sentido, a percepção, por meio do exame de fenômenos do passado, pode ser especialmente interessante para a compreensão das mudanças atuais vivenciadas nos mundos do trabalho, com a emergência de novos vínculos, novas dinâmicas de organização do tempo da produção, da compreensão do sujeito trabalhador e das implicações disso nos hábitos cotidianos.

Um dos obstáculos para a percepção da complexidade dos processos históricos reside na compreensão de que os resultados identificados ao seu final, as tendências prevalentes, eram os únicos possíveis (DE DECCA, 2004). Levando-se isso em conta, o debate sobre as transformações nos mundos do

trabalho ao longo da primeira metade do século XX possibilita a percepção de como os fenômenos sociais, em muitos casos, articulam-se a partir da convergência de movimentos diversos e como seus efeitos são sentidos de formas diferentes pelos variados grupos. Como, por exemplo, a regulamentação de leis trabalhistas na Era Vargas teve efeitos limitados, deixando de fora uma variada gama de trabalhadores, na medida em que se concentrou na realidade urbana das fábricas e dos setores de serviços.

Um entendimento que permite ponderar sobre a multiplicidade dos regimes de trabalho vivenciados na atualidade e compreender como diferentes caminhos foram percorridos até o presente. Tendo essa questão em mente, um paralelo interessante é a comparação com a trajetória da consolidação do futebol como uma atividade profissional. De que forma essa modalidade esportiva que chegou ao Brasil no final do século XIX como um hábito saudável, de formação do caráter e de distinção entre jovens da elite tornou-se uma prática popular e uma alternativa de sobrevivência para os mais diferentes indivíduos?

A possibilidade de explorar a história do futebol em sala de aula permite a aproximação com experiências compartilhadas pelos alunos, que prendem a sua atenção. Afinal de contas, seja como aficionados por equipes do Brasil ou do exterior, seja como frequentadores de estádios ou de campos de várzea, seja como praticantes da modalidade, meninos e meninas, na maioria dos casos, têm alguma vivência em torno do esporte mais popular do país. Assim, mobilizar a trajetória histórica dessa modalidade é dialogar com vínculos afetivos constituintes das identidades dos estudantes.

Como bem ressaltam as pesquisadoras Livia Magalhães e Rosana Teixeira, o futebol

Trata-se de um fenômeno histórico complexo, uma das fontes de nossa identidade nacional, que situa um conjunto de problemas socialmente significativos da realidade brasileira.

[...] o futebol constitui um campo temático transversal que pode ser estratégico na apreensão de certos conteúdos, problemáticas e conceitos tanto no âmbito da formação acadêmica na licenciatura, quanto na escolarização de jovens do ensino médio. (2021, p. 15-16)

Mas não apenas a proximidade do tema da realidade vivenciada no país é importante. A constituição do futebol como espetáculo e como prática profis-

sionalizada (DAMO, 2005; GOMES, PINHEIRO, 2015) trilhou um caminho diverso da maioria das ocupações, com questões próprias que, em alguns momentos, dialogaram com as transformações mais gerais dos mundos do trabalho. Com uma popularização que ocorreu ainda em seus primeiros anos de experimentação no Brasil, a modalidade rapidamente caiu no gosto dos trabalhadores (PEREIRA, 2000) e, algumas décadas depois, das trabalhadoras (BONFIM, 2019). Um processo de apropriação que ressignificou o jogo e que não foi recebido da mesma forma por todos os grupos, sendo alvo de críticas tanto dos praticantes pioneiros das elites, como das vanguardas do movimento operário.

No contexto das fábricas e companhias que se expandiam pelas cidades brasileiras, a inserção desse esporte surgiu como oportunidade de proletários se destacarem como integrantes dos times das empresas, os quais se inseriam nos circuitos competitivos (ANTUNES, 1992). Em uma conjuntura na qual o futebol se afirmava como espetáculo rentável, movimentando vendas de ingressos, outros tantos atletas começavam a se destacar e passavam a ser remunerados exclusivamente para se dedicarem ao jogo, criando uma oportunidade de ascensão social para homens pobres, em maioria, negros (SANTOS, 2010). Tal tendência se desdobraria na regulamentação da profissão nos anos 1930, a qual, contudo, não se deu por meio da legislação trabalhista, mas por um regime próprio, organizado por federações e confederações, integrantes de um sistema desportivo nacional em implantação.

Uma situação, que, no entanto, não extinguiu a condição do esportista que conciliava a prática esportiva com o trabalho em outro ramo produtivo. O que gerava a figura dúbia do jogador-operário ou do operário-jogador que, entre uma regulamentação precária da profissão de atleta e a proteção de leis trabalhistas, nem sempre optava pelo *glamour* do futebol espetáculo (RIBEIRO, 2021). Assim, não foram raros os casos de atletas que, em meados do século XX, abandonavam os grandes clubes pela segurança de um emprego protegido pelas normas da CLT. Na mesma medida, não foram poucos os times vinculados a fábricas e empresas que, pela capacidade de arregimentarem bons jogadores, alcançaram conquistas relevantes sobre as mais renomadas agremiações de seus estados (STÉDILE, 2011).

Nessa perspectiva, considerando-se as possibilidades didáticas da discussão dessa conexão entre mundos do trabalho e história do futebol no Brasil, o

presente artigo propõe o exame da articulação desses dois temas no contexto da primeira metade do século XX. Para tanto, o texto divide-se em duas partes. Na primeira, por meio da retomada da historiografia do esporte, busca-se compreender as várias abordagens que a questão ganhou na produção acadêmica, com a identificação de diferentes caminhos possíveis para sua transposição didática. Na segunda, por meio de uma proposta de intervenção pedagógica, explora-se uma possibilidade de trabalho com o tema em sala de aula que estabeleça conexões com os debates sobre as transformações dos mundos do trabalho nos contextos da Primeira República, da Era Vargas e no início do período democrático pós-1945. Para tanto, são mobilizadas diferentes fontes históricas, com a adoção de estratégias variadas de análise e discussão. Um exemplo que visa demonstrar uma das tantas alternativas possíveis de abordagem do assunto.

MUNDOS DO TRABALHO E HISTORIOGRAFIA DO FUTEBOL NO BRASIL

Mesmo que uma produção acadêmica sobre o futebol examinado na perspectiva das humanidades só tenha se iniciado na passagem dos anos 1970 para os 1980, considera-se que algumas obras já propunham interpretações sobre a trajetória desse esporte antes disso. Publicações de memórias e de ensaios foram realizadas ainda na primeira metade do século XX, sendo a obra mais destacada *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, cuja primeira edição é de 1947, com uma versão revisada e ampliada de 1964 (RODRIGUES FILHO, 2003). Seu autor foi considerado um dos mais relevantes jornalistas esportivos do país, um dos responsáveis pela modernização da cobertura do tema, além de um bem sucedido empresário, dono do *Jornal dos Sports*. Vindo de uma família de periodistas, que incluía o irmão Nelson Rodrigues, o cronista pernambucano radicado no Rio de Janeiro, capital federal, produziu uma leitura da trajetória do futebol muito influenciada pela literatura de Gilberto Freyre e por suas discussões raciais.

Nessa perspectiva, a obra busca compreender de que maneira se deu a inserção do negro no meio futebolístico do Rio de Janeiro, a quem se atribui a invenção de uma forma nacional de praticar o esporte. Nessa interpretação, a questão dos mundos do trabalho é tangencial. Por mais que se aborde a tran-

sição da modalidade de um exercício e divertimento da juventude das classes altas para uma profissão almejada por homens pobres, muitas vezes negros, pouco se fala da ampliação do futebol entre os grupos de trabalhadores da cidade. Esses surgem apenas na medida em que ingressam nos clubes disputantes do principal torneio da cidade, o qual merecia a cobertura mais atenta dos jornais pelos quais Mario Filho circulou.

Assim, o caso mais emblemático da articulação entre mundos do trabalho e futebol nessa obra clássica é o do Bangu Atlético Clube, criado na região de mesmo nome, a partir da fábrica de tecidos Progresso Industrial. Pioneiro na incorporação de jogadores negros, seu time dos anos 1900 teria sido a junção de operários especializados ingleses que já dominavam o jogo e proletários de origens diversas que se faziam necessários para completar o grupo de atletas, dado o isolamento geográfico da região. Um caso que consolidou o Bangu como modelo de clube de fábrica no Brasil, um dos precursores do futebol no país.

Ademais, o tema do futebol como profissão vai ganhando espaço no livro à medida que o chamado “amadorismo marrom” teria avançado ao longo dos anos 1920, até o reconhecimento do profissionalismo que, para o caso do Rio de Janeiro, se deu em 1933. Essa questão da regulamentação do sistema de remuneração de atletas aparece em outras obras pioneiras da história do futebol no Brasil, mas sempre de forma secundária, mais como registro do que como ponto de debate.

Foi com a emergência da produção acadêmica sobre o tema que uma aproximação mais clara entre os mundos do trabalho e o futebol ocorreu. Uma obra precursora dessa linha foi a dissertação de mestrado em antropologia de Simoni Lahud Guedes, intitulada *Futebol brasileiro – instituição zero*, que investigava, dentre outros, a trajetória de operários fluminenses e suas expectativas quanto às possibilidades de profissionalização como futebolistas (GUEDES, 1977). Um dos primeiros estudos a investigar o futebol numa perspectiva histórica dedicou-se justamente à intersecção entre esporte e trabalho. Em *Futebol de fábrica em São Paulo*, a socióloga Fátima Antunes (1992) abordou a trajetória de alguns dos primeiros clubes formados em empresas, um caminho importante para a popularização da modalidade. Nessa pesquisa, as diferentes relações estabelecidas entre proletários-jogadores, patrões, integrantes dos movimentos sindicais e o meio futebolístico paulista são debatidas, compre-

endendo-se variados modelos de gestão das agremiações articuladas às companhias.

Pesquisadores consagrados dos mundos do trabalho também se dedicaram a investigações das conexões estabelecidas com o futebol. Nesse sentido, destaca-se a produção do antropólogo José Sérgio Leite Lopes, que escreveu artigos sobre o tema, a partir de diferentes casos. Em “A vitória do futebol que incorporou a pelada” (LOPES, 1994), examina a trajetória do jogador Garrincha, cuja trajetória iniciou-se em um time de fábrica de sua cidade natal, Pau Grande, no estado Rio de Janeiro. O atleta campeão do mundo pela seleção é pensado como um modelo do operário-jogador, que apontava para as possibilidades de transição dos trabalhadores industriais para os gramados. Já em “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro” (LOPES, 2004), o autor trata das influências do jogo praticado nas fábricas e entre proletários para o desenvolvimento do futebol brasileiro, revisitando diferentes momentos da modalidade. Por fim, em “Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional” (LOPES, 2010), o antropólogo se debruça sobre trajetória do ex-jogador Ramon que sai da condição de operário-jogador de uma usina de açúcar pernambucana para chegar a clubes profissionais como o Vasco da Gama (RJ) e o Santa Cruz (PE).

Uma investigação que revisitou o universo do Rio de Janeiro tratado no clássico de Mario Filho e produziu novas interpretações sobre a participação de trabalhadores no desenvolvimento do futebol foi apresentada na obra *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, do historiador Leonardo Pereira (2000). A partir de vasta pesquisa documental, ele foi capaz de demonstrar como, em paralelo ao desenvolvimento dos principais clubes do circuito de competições, já tratados por Mario Filho, toda uma gama de agremiações surgiu a partir dos bairros suburbanos e dos núcleos operários da então capital federal. Uma abordagem que lançou várias questões sobre como a nova prática era integrada ao cotidiano dos trabalhadores e como diferentes percepções do jogo eram construídas, seja entre jogadores, seja entre os críticos da novidade.

Toda essa produção inicial ajudou a estabelecer as bases da discussão sobre as relações entre mundos do trabalho e futebol que seria desenvolvida a partir dos anos 2000, com a proliferação de pesquisas acadêmicas sobre o tema. Nesse sentido, algumas questões fundamentais já estavam delimitadas.

O futebol de fábrica, no contexto da Primeira República, era apresentado como um dos principais caminhos para a popularização do jogo, com a articulação de vários fenômenos, que iam desde a discussão sobre até que ponto o esporte servia ou não como mecanismo de domínio dos proletários, até as recriações do jogo a partir de uma cultura operária e das experiências de apropriação do tempo livre pelos trabalhadores.

Na mesma medida, a passagem de um regime amador, cada vez mais desvirtuado pela oferta de vantagens financeiras aos jogadores para um sistema regulado de remuneração a partir dos anos 1930, torna-se outra questão importante dessa literatura. Um processo que se dá em paralelo às transformações políticas, com a crise da Primeira República e a ascensão de Vargas, mas, mais importante do que isso, com a criação de um arcabouço legal, com os primeiros direitos trabalhistas. Assim, ao mesmo tempo em que a condição profissional do futebolista se alterava, o mesmo ocorria com o proletariado urbano.

Esses processos paralelos, de uma lenta consolidação dos direitos tanto dos atletas profissionais, como dos trabalhadores urbanos, vai criar um dilema que acompanhou muitos sujeitos daquele período: qual carreira seguir? As figuras do operário-jogador, o trabalhador que atuava pelo clube da empresa, e do jogador-operário, o atleta do clube esportivo que tinha um segundo emprego, são marcantes desse período de transição. Um momento em que o futebol espetáculo ainda se estruturava e buscava alternativas de renda mais constantes.

Todas essas questões foram aprofundadas e revisitadas pela produção contemporânea sobre o tema. Se originalmente os estudos estavam centrados nos casos do Rio de Janeiro e de São Paulo, as pesquisas mais recentes ampliaram os referenciais geográficos da discussão. Quando se pensa na experiência do futebol de fábrica, observam-se investigações para casos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul (SILVA, 2007; STÉDILE, 2011). O fenômeno da profissionalização foi debatido em variadas regiões, como Paraná, Minas Gerais, Pernambuco e Ceará (GOMES, PINHEIRO, 2015). Casos clássicos como o do Rio de Janeiro ganharam novas interpretações (SANTOS, 2010). Na mesma medida em que a antropologia trouxe outras contribuições, em especial para pensar as trajetórias de trabalhadores e jogadores (CIOCCARI, 2010). Um assunto que continua suscitando debates e atualizações na produção (FONTES, HOLLANDA, 2021).

Nessa perspectiva, há uma vasta produção acadêmica que dialoga com o contexto histórico do século XX, em especial com o cenário da primeira metade, nos períodos conhecidos como Primeira República e Era Vargas. Por meio do futebol, temas clássicos da historiografia dos mundos do trabalho como as culturas operárias, os esforços para a conformação de uma disciplina nas fábricas, as lutas sociais na busca por direitos e os processos que levaram à constituição de uma base de leis trabalhistas, são examinados a partir de outras perspectivas. Um ponto de vista até certo ponto inusitado, que permite expandir interpretações clássicas, demonstrando que os processos foram mais diversos e irregulares do que uma visão reducionista poderia dar a entender.

Contudo, de que maneira essas contribuições podem repercutir no ensino de História? Há alguma validade pedagógica em transpor esse debate para o universo da sala de aula? Pensando nessas questões, na próxima seção, apresenta-se uma proposta de intervenção didática que busca refletir sobre isso.

TRABALHO E FUTEBOL EM SALA DE AULA

Como indicado na introdução do artigo, considera-se que um dos desafios da compreensão dos processos articulados às transformações dos mundos do trabalho na primeira metade do século XX no Brasil é a percepção do alcance dessas modificações, das diversidades de arranjos laborais coexistentes e de como diferentes possibilidades estavam postas naquele momento. Sob o risco de gerar uma visão distorcida que impossibilita perceber que na mesma medida em que se observa hoje, naquele período havia uma pluralidade de relações entre trabalhadores, empregadores e Estado, mostra-se interessante uma discussão mais qualificada sobre como se deram as regulamentações de diferentes profissões.

Tendo isso em mente, o futebol apresenta-se como uma possibilidade interessante, por representar uma prática socialmente reconhecida pelos estudantes de diferentes regiões do país e parte do seu cotidiano. Ademais, trata-se de uma proposição que se articula ao desenvolvimento de habilidades previstas na BNCC do Ensino Médio, em especial

(EM13CHS401) Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos e classes sociais diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das

novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços e contextos. (MEC, 2017, p. 563)

Para a elaboração da proposição, considera-se a análise de três questões centrais, todas atravessadas pelo futebol: a relação entre a construção da cultura operária e as práticas de lazer, o debate acerca do controle sobre o lazer operário a partir das direções das fábricas e do movimento operário e, por fim, os impactos da regulamentação profissional sobre trabalhadores das fábricas e sobre jogadores de futebol. A estratégia para abordar cada um dos tópicos é o trabalho com fontes históricas e textos, entremeados por explicações expositivas do(a) professor(a). A intervenção é pensada para cinco horas aula.

Como entrada para o debate propõe-se a leitura de um trecho da obra *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 29-34), um texto clássico, que se destaca pela linguagem ensaística e romancada adotada pelo autor, muito próxima da escrita jornalística. No excerto selecionado, ele aborda o caso do Bangu Atlético Clube, com a descrição das condições que levaram à formação de um time mesclado entre ingleses e demais trabalhadores da fábrica Progresso Industrial, um fato importante para a popularização do jogo. Inicialmente, a indicação aos alunos é a de que eles se aprofundem sobre a obra e a sua produção, com perguntas sobre a biografia de Mario Filho, sobre as ideias centrais do texto etc. Para a compreensão mais abrangente, é orientada a produção de um glossário com as palavras que eles não conheçam. Para finalizar essa abordagem inicial, é estimulada a reflexão sobre como a questão racial surge no extrato, já que o autor carregava essa preocupação, explicitada em diferentes momentos, com a culminância no debate sobre o racismo no futebol e na sociedade atuais.

Um segundo passo, ainda em torno do texto de Mario Filho sobre o Bangu Atlético Clube, é a leitura do artigo de divulgação histórica intitulado “Bangu e fábrica: um casamento (in)feliz?”, de Nei Jorge Santos Júnior (2012), o qual retoma a questão da agremiação futebolística em articulação com a presença da fábrica na região. Trata-se de uma leitura complementar que amplia a visão sobre o caso abordado na obra clássica e que oferece mais subsídios para que os alunos possam refletir sobre o tema. A proposta é de que por meio de um debate em sala, a turma compartilhe suas impressões do artigo.

Para finalizar o primeiro tópico, é mobilizada uma fonte iconográfica que dialoga diretamente com o excerto do livro de Mario Filho, a qual, inclusive, é

descrita por ele no trecho selecionado. Trata-se de uma fotografia da equipe registrada em 1905, a qual é reproduzida abaixo:

Figura 1 – Bangu, 1905



Fonte: Imagem reprodução.

A proposta é de que, com a imagem projetada para os alunos, seja retomada a leitura do seguinte trecho da obra de Mario Filho, em que a descrição da foto é feita:

Há uma fotografia desse time do Bangu. Bem que a fotografia merecia ser guardada num álbum. Frederick Jacques, mestre gravador, o goalkeeper, está lá atrás, de pé, entre José Villas-Boas, diretor de esportes, e João Ferrer, presidente de honra do Bangu. João Ferrer todo de branco, roupa branca, colarinho branco, confundindo-se com o peitilho branco e a gravata branca, parecia um enfermeiro. José Vilas-Boas de fraque cinza, fechadinho em cima.

Olha-se para a fotografia e só se vê bigodes. Bigodes caídos, como o de Frederick Jacques, enrolados como o de José Vilas-Boas, torcidos como o de João Ferrer.

Somente três jogadores não usavam bigodes: o porteiro Justino Fortes, o inglês Willian Hellowell, de cara muito branca, sem sinal de buço, lisa e macia feito rosto de menino, e o brasileiro Francisco Carregal.

O bigode de César Bocchialini, bem italiano, um bigodinho atrevido, de pontas finas, para cima. O de Francisco de Barros, Chico Porteiro, nada tinha de atrevido. Pelo contrário: bigode austero, pesado com responsabilidade de um pai de família cheio de filhos. Já o de John Stark lhe dava, ajudado pelo ar manso que ele tinha, uma cara de cachorro perdigueiro, boa e amiga. E havia, ainda, o bigode de Dante Delocco, bem aparado, como o de Segundo Maffeo. O de William Procter era preto, amorenava-lhe o rosto, o de James Hartley, louro, quase branco, fazia-lhe parecer mais velho. Também James Hartley já estava de cabelo ralo.

A camisa de Bangu não era, como agora, de malha, colante, com listras largas, vermelhas e brancas. Tinha as listras bem finas, quase juntas. E uma gola mais parecida com um colarinho mole. Pelo menos com um desses colarinhos de hoje, cujo desenho saiu das camisas esporte. O tecido pouco sedoso e brilhante, como musselina.

Nem todas as camisas eram iguais. Um tinham, bem no centro, de cima a baixo, barras do mesmo pano, de listras horizontais. Barras largas, da grossura de um punho, finas, da grossura de um dedo. Os ingleses não prestavam muita atenção a esses detalhes. Eram mais descuidados na maneira de vestir do que os italianos e os portugueses.

E muito mais descuidados do que o brasileiro Francisco Carregal. Talvez por orgulho de raça superior. Francisco Carregal aparece na fotografia em primeiro plano, de pernas cruzadas, segurando a bola. Desenhada na bola, a giz, uma data da fotografia do match e as iniciais do Bangu, sem o tê do The. Um bê, um a, um cê, em letras maiúsculas. E uns números, zero, cinco, traço, cinco, traço, quatorze. Primeiro o ano, 1905, depois o mês de maio, depois o dia, quatorze. As botinas travadas de Francisco Carregal, novinhas em folha. Se não novinhas, engraxadas de manhã para o jogo.

Chama atenção a diferença entre o apuro de Francisco Carregal, preocupado em não fazer feio, e o pouco se me dá de William Procter, que não ligava para essas coisas.

Francisco Carregal, um simples tecelão, comprou tudo de novo: as botinas travadas, as meias de lã, os calções. A camisa, quem dava era o clube. William Procter, o mestre eletricitista, mandou travar umas botinas velhas, cortou com uma tesourada uma calça branca que não servia mais, nem comprou as meias de lã que custavam oito mil réis na Casa Clark. Enfiou o pé numa meia comum, que lhe ia somente até o meio da perna, e deixou-se fotografar de ligas pretas.

As ligas pretas chegam a ferir os olhos na perna branca de William Procter. Parece até que ele não acabara de se vestir, que viera correndo lá de dentro, para a pose fotográfica, sem calças, de cuecas. Principalmente porque está ao lado de

Francisco Carregal, todo vestidinho, entre Francisco Carregal e James Hartley, que, além de meias de lã, botou, cobrindo as pernas, as caneleiras. Caneleira era coisa rara, não havia por aqui, só vindo da Inglaterra, como um verdadeiro requinte.

William Procter podia descuidar-se, Francisco Carregal, não. No meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, não queria parecer menos, quase branco. Passava perfeitamente. Pelo menos não escandalizava ninguém.

Se Manuel Maia, goalkeeper crioulo, filho de preto com preta, não foi apontado a dedo, o center-foward mulato Francisco Carregal nem chamou a atenção. Que mal fazia um operário jogar futebol? Deixava de ser operário por isso?

No domingo dava seus pontapés na bola, corria em campo molhando a camisa, na segunda-feira cedinho, quando o portão da fábrica se abria, lá estava ele. Ia para os teares como os outros operários, trabalhava, só parava na hora do almoço, para voltar, depois, até às quatro horas. Nem tinha tempo de se lembrar do jogo da véspera.

E lembrar para quê? Na hora do trabalho, só trabalho, na hora do jogo, só jogo. Afinal de contas, o Bangu era, apesar do The, um clube dos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil. Se não fosse a fábrica, como o clube arranjaría um campo? O campo só? E o resto? O resto era tudo.

O operário que estava ao lado dos mestres, branco ou preto, não subia, não descia, ficava onde estava. Se quisesse subir tinha de trabalhar muito, de aprender muito, para passar de tecelão a mestre. Como Francisco Carregal acabaria passando à custa de trabalho, e não de futebol. O futebol era divertimento. (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 32-34)

Na longa descrição, Mario Filho retoma pontos importantes das culturas operária e esportiva, chamando atenção para marcadores de masculinidade e de raça. Um trecho rico que, articulado à fotografia, proporciona a oportunidade de diálogos enriquecedores sobre como as identidades e os cotidianos dos trabalhadores da Primeira República estavam atravessados por inúmeras questões. Tendo em vista a impossibilidade de se esgotar a riqueza de questões suscitadas pela imagem associada ao excerto, alguns aspectos são valorizados em discussões sobre códigos de masculinidade e de distinção social e racial, seja no vestuário, seja na aparência. A questão da desigualdade entre os integrantes da fábrica e as formas como elas eram reproduzidas e subvertidas no tempo do lazer também pode ser tratada com os alunos.

Assim, por meio do caso do Bangu Atlético Clube, alguns aspectos da cultura operária da Primeira República são abordados: a delimitação dos tem-

pos do trabalho e do lazer; a sociabilidade entre os integrantes da fábrica, muitos deles habitantes de seu entorno; as oposições entre as diferentes identidades nacionais e raciais no contexto de pós-abolição. Questões que podem ser amarradas por uma exposição do professor.

Nessa primeira discussão, faz-se importante ressaltar como essa cultura operária era construída em meio a tensões entre a disciplina fabril e a busca de criação de espaços autônomos entre os operários. Como a formação de clubes esportivos, estava atrelada a outras experiências vivenciadas pelos trabalhadores, seja do ponto de vista do associativismo (sindicatos, sociedades de ajuda mútua, agremiações literárias, artísticas ou carnavalescas), seja do ponto de vista das práticas de lazer, com realizações de festivais e promoção de outras atividades ao ar livre (BATALHA, 2000).

Na terceira etapa, uma nova questão será introduzida, o debate sobre o controle dos operários por meio do lazer. Para tanto, é proposta a leitura de um texto de divulgação científica da socióloga Fátima Antunes, intitulado “Anarquistas e comunistas no futebol de São Paulo” (1992). Trata-se de um artigo curto, originalmente publicado no D. O. Leitura, suplemento literário do Diário Oficial do estado de São Paulo. Nele, a autora aborda os discursos dos movimentos operários paulistas da Primeira República acerca da influência do futebol sobre os trabalhadores. Com argumentos a favor e contra a sua prática, colocam-se em debate as iniciativas de disciplinarização do proletariado encampadas pelos patrões e pelo Estado.

Da mesma forma que fora feito com o texto de Mario Filho, algumas questões iniciais buscam a melhor contextualização e compreensão do artigo. Depois disso, é proposto que os alunos elaborem um quadro, com a indicação dos argumentos a favor e contrários à prática futebolística pelos operários. A partir desse exercício inicial, sugere-se que o(a) professor(a) realize uma exposição sobre os movimentos operários na Primeira República e suas diferentes tendências, bem como as iniciativas de controle desenvolvidas por empresários no contexto da industrialização do início do século XX.

Feito isso, a proposta se desdobra na divisão da turma entre aqueles que se mostram a favor da prática do futebol pelos operários e aqueles contrários, com base nas ideias apresentadas no artigo. Passando-se a um debate que desdobre argumentações em defesa de cada uma das noções.

Realizado o debate e ouvidos os argumentos de cada um dos lados, será proposta uma escolha pelos alunos, com base em um caso vivenciado por um

clube de fábrica de Porto Alegre na década de 1950. Trata-se do Grêmio Esportivo Renner, fundado em 1931 por operários das indústrias têxteis A.J. Renner & Cia, a qual apoiou o clube e criou facilidades para a contratação de jogadores que se dividiam entre o campo e as linhas de produção. Com o passar dos anos, o investimento da empresa se ampliou, com a formação de uma das equipes mais fortes do Rio Grande do Sul. Os trabalhadores que deram origem ao clube perderam espaço no time e, cada vez mais, assumiram o papel de torcedores. A companhia, por sua vez, via na equipe um meio de propaganda de sua marca e de mobilização de seus funcionários.

A trajetória do clube e do futebol operário em Porto Alegre é abordada pelo historiador Miguel Enrique Stédile na dissertação de mestrado em História *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre* (2011). No texto, o pesquisador comenta sobre a criação da mascote do clube, a qual está reproduzida abaixo:

Figura 2 – Mascote do Grêmio Esportivo Renner



Fonte: STÉDILE, 2011, p. 159.

A personagem porta alguns instrumentos associados ao trabalho com tecidos, como fita métrica, tesoura e lápis, ainda que não se vista exatamente como um operário de chão de fábrica, tão caracterizado pelo macacão. Em sua gravata, está estampado o distintivo do clube, com a inscrição ilegível na reprodução, do nome da agremiação, que é o mesmo da fábrica. De sapatos bicolores, ele está sobre uma bola de futebol.

A proposta é de que a partir dos debates sobre o uso do futebol nas fábricas para o controle dos trabalhadores, que os alunos avaliem a mascote proposta. Em que medida eles consideram que ela simboliza as expectativas dos operários em torno de um time que os represente? A partir daí, assumindo a condição de associados, eles devem votar para escolher ou não a mascote proposta pela direção da fábrica.

Após a discussão sobre os mecanismos de controle associados ao lazer operário, verificados em diferentes momentos e espacialidades, como a São Paulo do final da Primeira República, e a Porto Alegre do início do período democrático pós-1945, passa-se à última parte da intervenção, que se centra sobre a regulamentação das relações trabalhistas em universos tão diferentes como os setores produtivos urbanos e os clubes esportivos.

Inicialmente, propõe-se uma exposição pelo(a) professor(a), na qual faça uma breve recapitulação de pontos chave sobre a regulamentação das relações trabalhistas e da edição da CLT no Estado Novo. Além disso, sugere-se uma abordagem, de maneira panorâmica, do processo de institucionalização do profissionalismo no futebol brasileiro, considerando a prática não regulada do “amadorismo marrom” nas décadas iniciais do século XX, o contexto nacional e internacional no início dos anos 1930 e o processo de profissionalização entre 1933 e 1938, até o acordo para a pacificação institucional das entidades dirigentes nacionais do futebol. Todos os temas amplamente tratados pela bibliografia da história do esporte, bastante acessível para consulta.

Feita a explanação inicial, de modo a instrumentalizar os alunos com algumas informações contextuais, propõe-se a divisão da classe em cinco grupos, os quais devem trabalhar com diferentes fontes históricas sobre as relações de trabalho no futebol. A primeira delas trata-se de um trecho referente à história de vida do jogador Ramon, que teve passagens em clubes profissionais como o Santa Cruz, o Vasco e o Internacional, nos anos 1970 e que começou

sua carreira atuando por equipes vinculadas à Usina de Açúcar Trapiche, em Sinharém, Pernambuco, na condição de operário-jogador.

O segundo trecho se refere ao Grêmio Esportivo Renner, da cidade de Porto Alegre, e à estratégia para montagem de sua equipe nos anos 1950, a qual alcançaria o título de campeão gaúcho da primeira divisão de futebol profissional em 1954. O terceiro trecho trata-se de série de reportagens do jornal mineiro *Diário da Tarde* sobre a situação do profissionalismo entre os clubes participantes da primeira divisão do campeonato estadual de futebol em 1956. A agremiação enfocada na edição é o Siderúrgica, time de fábrica da cidade de Sabará.

O quarto trecho apresenta clubes de futebol na região mineradora de carvão de Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, conforme a memória de antigos atletas que atuaram entre as décadas de 1940 e 1970. E o último trecho refere-se à reportagem publicada em 1958, pelo jornal *Diário da Tarde*, sobre o clube belo-horizontino Sete de Setembro e as dificuldades para os treinamentos decorrentes da condição empregatícia de seus jogadores, que tinham trabalhos regulares diurnos e só podiam praticar o futebol à noite.

A partir da leitura de cada um dos textos, é proposto aos grupos que respondam questões contextuais básicas, com vistas à compreensão das fontes, seguidas da exploração dos conteúdos de cada uma delas e da forma pela qual as relações de trabalho são tratadas nos casos desses jogadores-operários e operários-jogadores. A partir das discussões indicadas, os limites entre as inserções profissionais e a sobreposição entre tempos do trabalho e tempos do lazer são enfocadas. Feito o debate em grupo, sugere-se a apresentação dos resultados para toda a classe. Busca-se com isso uma reflexão sobre as fronteiras entre relações formais e informais de emprego, pensando na multiplicidade de vínculos existentes não apenas no universo esportivo, mas nas relações cotidianas das comunidades onde os alunos estão inseridos.

Da forma como a intervenção está estruturada, é possível realizar adaptações, para que apenas um dos três eixos centrais da discussão seja desenvolvido, a saber, a formação de uma cultura operária de lazer, ou os mecanismos de controle do tempo livre dos trabalhadores, ou os vínculos profissionais originados das regulamentações trabalhistas e do futebol. A proposta de conexão entre o tempo presente e as questões referentes à primeira metade do século XX visam atingir objetivos de um ensino de História voltado a subsidiar os

alunos na compreensão das estruturas sociais da atualidade e suas conexões com processos históricos progressos.

CONCLUSÃO

O ensino de História e a construção de um currículo para a disciplina passam invariavelmente pela discussão sobre os objetivos que a reflexão sobre o passado cumpre no processo da aprendizagem escolar (RÜSEN, 2006). Nessa perspectiva, o debate sobre para que se mobiliza um conteúdo é fundamental. Na mesma medida em que é central a compreensão de como um conhecimento acadêmico pode ser transposto para a sala de aula, que operações estão aí envolvidas (CHEVELLARD, 2013).

O presente artigo parte do entendimento de que um dos objetivos principais da abordagem de temas históricos na escola é a compreensão da constituição da realidade social presente. Debater os processos envolvidos na formação de estruturas sociais da atualidade é necessário para a percepção de que tais fenômenos não são naturais, mas fruto da oposição e sobreposição de forças diversas e que sua estabilidade ou não depende da manutenção de uma dada conjuntura. Tudo isso é fundamental para a percepção do aluno como sujeito histórico capaz de refletir sobre o meio em que vive e intervir na sua realidade imediata.

Levando-se isso em conta, entende-se que não há tema pertinente ou impertinente a ser levado para a sala de aula, senão que há tópicos que servem melhor ou não para enfrentar questões que se colocam a uma dada proposta pedagógica. Em uma sociedade marcada pelas transformações recentes dos mundos do trabalho, como a brasileira, que vem enfrentando o progressivo desmonte de uma legislação de proteção ao trabalhador e a imposição de novos vínculos que fragilizam as condições laborais, enfrentar o problema sob uma perspectiva histórica mostra-se importante. Inclusive, pelo fato de que os jovens em formação vivenciarão uma realidade muito diversa das enfrentadas pelas gerações anteriores, com a progressiva diminuição dos mecanismos de proteção ao emprego.

A construção junto aos alunos da percepção dos vários caminhos trilhados possibilita uma compreensão mais complexa de como os vínculos laborais se conformaram no Brasil. Algo importante para o enfrentamento de um

cenário em que a remoção de direitos é apresentada à sociedade como flexibilização das opções do trabalhador, seja na administração do seu tempo, seja na criação de relações com seus empregadores. Mesmo em meados do século XX, as regras da CLT não atingiram a totalidade das pessoas. Várias mantiveram outras vinculações, como demonstra o caso do futebol.

Na mesma medida, a delimitação de um tempo do trabalho e de um tempo de lazer foi objeto de inúmeras disputas, que envolviam, inclusive, a tentativa de padrões tutelarem as horas livres de seus empregados. De tal modo, a emergência do futebol entre trabalhadores não foi apenas a criação de outra possibilidade de profissão, mas também uma disputa acerca da gestão autônoma do tempo livre.

Essas e outras questões derivadas da análise histórica do desenvolvimento do futebol no Brasil são pertinentes às questões contemporâneas dos mundos do trabalho e da realidade cotidiana dos alunos. A proposta de, na transposição didática desse debate, incorporar uma intervenção com a mobilização de fontes primárias e secundárias pressupõe a possibilidade de criação dessas conexões pelos próprios alunos, dada a familiaridade que a maioria possui com o tema.

Considera-se, pois, que a inserção desse tipo de estratégia em meio ao trabalho mais cotidiano com o currículo cumpre funções importantes no desenvolvimento do ensino de História, ampliando as probabilidades de alcance dos objetivos traçados para essa disciplina.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. Anarquistas e comunistas no Futebol de São Paulo. *Leitura*. São Paulo, 11 (127), dezembro de 1992.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BONFIM, Aira Fernandes. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução*

- à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História). Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- CHEVELLARD, Yves. Sobre a teoria da transposição didática: algumas considerações introdutórias. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, v. 3, n. 2, p. 1-14, mai/ago 2013.
- CIOCCARI, Marta Regina. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros de carvão*. Tese (Doutorado em Antropologia). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. *1930, o silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Futebol & mundos do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2021.
- GOMES, Ângela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (org.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1977.
- LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. *Revista USP*, São Paulo, v. 22, p. 64-83, 1994.
- LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- LOPES, José Sérgio Leite. Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 16, n. 28, p. 13-40, 2010.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves; TEIXEIRA, Rosana da Câmara (org.) *Futebol na sala de aula: jogadas, dribles, passes, esquemas táticos e atuações para o ensino de Ciências Sociais e de História*. Niterói: Eduff, 2021.
- MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A várzea e a metrópole: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RÜSEN, Jörg. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07-16, jul.-dez. 2006
- SANTOS JUNIOR. Bangu e a fábrica: um casamento (in)feliz? *Ludopédio*, São Paulo, v. 36, n. 1, 2012.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SILVA, Daniela Alves da. *Cultura operária: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- STÉDILE, Miguel Enrique. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

Artigo submetido em 26 de agosto de 2023.
Aprovado em 16 de janeiro de 2024

